



A Gruta do Escoural e a visita pública. Expectativas e frustrações no cinquentenário da descoberta

António Carlos Silva

Estão amplamente registadas as circunstâncias da descoberta há meio século (1963) de uma cavidade natural na Herdade da Sala, que ficaria conhecida como Gruta do Escoural, topónimo que recebeu da localidade vizinha de Santiago do Escoural (Santos 1964). O seu potencial arqueológico, reconhecido quase de imediato, graças à presença superficial de numerosos vestígios de uma necrópole pré-histórica, gerou grandes expectativas locais e regionais que viram neste achado um prometededor foco de futura atração turística. Com efeito, à época em que estes eventos ocorreram, assistia-se na região de Évora a um surto de interesse pelos monumentos arqueológicos, promovido e apoiado pela própria Junta Distrital, que os reconhecia como fatores potenciadores de turismo e desenvolvimento (Paço 1963). Data dessa mesma década, por exemplo, o apoio da Junta Distrital às investigações na Anta Grande do Zambujeiro, no Castelo do Giraldo ou mesmo no Cromeleque

dos Almendres, monumentos que hoje fazem parte das rotas turísticas da região. A descoberta da Gruta do Escoural, largamente noticiada na imprensa regional, foi desde logo considerada por muitos, como uma nova atração turística da maior relevância. Não admira pois que, interrompido o indiscriminado e abusivo acesso público verificado nos primeiros dias, iniciados os trabalhos de arqueologia promovidos pelo Museu Etnológico de Belém (atual Museu Nacional de Arqueologia) e noticiadas as primeiras “saídas” de materiais arqueológicos para Lisboa, a controvérsia se tenha instalado. Em boa parte decorrente de conflitos pessoais e institucionais que nada tinham a ver com esta nova descoberta, esta situação geraria uma inusitada polémica entre o Diretor do Museu, Manuel Heleno, e as autoridades regionais, que tive já oportunidade de relatar circunstanciadamente (Silva, 2008). Ainda hoje na vila do Escoural, meio século depois destes eventos, persiste alguma incompreensão ou mesmo frustração face ao contraste entre as elevadas expectativas então geradas e os fracos resultados práticos sentidos pela população. Neste trabalho, em que fazemos o balanço do mais recente programa de valorização da Gruta do Escoural promovido pela Direção Regional de Cultura do Alentejo, procuraremos recordar o passivo deste já longo processo, refletindo sobre os motivos da frustração das expectativas iniciais, e perspetivar, através de propostas concretas, possíveis vias para finalmente colocar este património ao serviço do desenvolvimento local.



Fig. 1 - Aspeto da entrada da Gruta, pouco tempo após a descoberta

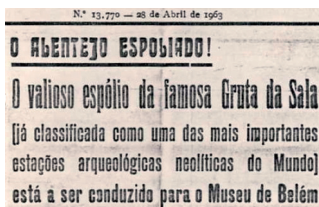


Fig. 2 - Notícia regionalista no jornal “Democracia do Sul”, 28 de Abril de 1963, uma semana após a descoberta

1. A GRUTA DO ESCOURAL E A VISITA PÚBLICA, DA DESCOBERTA ATÉ AOS RECENTES TRABALHOS DE REQUALIFICAÇÃO (1963- 2009)

Farinha dos Santos, o arqueólogo a quem Manuel Heleno confiou a missão de intervir no Escoural em nome do Museu Etnológico, é parco em informações sobre os trabalhos arqueológicos que dirigiu na Gruta e que se prolongaram nesta primeira fase, por diversas campanhas, pelo menos até 1968. Apoiados financeiramente pela Fundação Gulbenkian, nesses trabalhos participaram essencialmente trabalhadores rurais do Escoural, além de um ou outro técnico do Museu. Uma vez realizado o reconhecimento geral e a topografia da nova cavidade, Farinha dos Santos iniciou a investigação da vasta necrópole neolítica, com remoção sistemática da espessa placa calcítica que embalava a generalidade das deposições funerárias, seguida da escavação e crivagem dos sedimentos subjacentes, quase sempre até à rocha de base. Os numerosos materiais assim recolhidos, osteológicos, cerâmicos e líticos, eram transferidos para o Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia no final de cada campanha, tendo alguns deles sido rapidamente expostos, talvez como resposta às críticas regionais que não viam com bons olhos, a saída daquele espólio para Lisboa. Teve particular sucesso entre os visitantes da época, a exposição naquele Museu de uma grande placa de calcite proveniente da Gruta do Escoural, mostrando dois esqueletos humanos fossilizados, associados a vasos cerâmicos completos.

Apesar de encerrada ao público durante esta fase da investigação, a Gruta foi regularmente visitada, especialmente após a identificação da arte rupestre paleolítica, por arqueólogos ou outros especialistas, alguns dos quais estrangeiros, situação que ocasionando algum movimento na vila, mais aumentaria a expectativa futura. Após a aposentação de Manuel Heleno (1965), vários indícios apontam para uma melhoria na relação entre Farinha dos Santos e as entidades locais. Em 1967 este arqueólogo profere uma conferência em Évora sobre a Arte Rupestre do Escoural, colaborando também na preparação da nova sala de arqueologia do Museu Regional. Inaugurada em 1970 no dia internacional dos Museus, incluía uma pequena seleção de materiais provenientes das suas escavações e cedidos pelo Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. Não temos dados concretos sobre as datas e condições da instalação das primeiras estruturas que permitiriam a visita pública à Gruta do Escoural, mas tudo aponta para que tal se tivesse verificado no final da década de 60, com trabalhos promovidos e financiados pela própria Junta Distrital. Nessa altura foi construída uma escada de alvenaria vencendo o desnível entre o exterior e a grande sala de entrada e instalados estrados de madeira assentes em grossos barrotes de pinho tratado com pês, os quais facilitavam a circulação nas principais galerias, tendo ficado ao serviço até 2009, com pequenas reparações.

O acompanhamento dos visitantes seria desde os primeiros tempos assegurado por Francisco Porteiro, trabalhador rural residente no Escoural e colaborador nas escavações de Farinha dos Santos. Abrigando-se num casebre de apoio à antiga pedreira, foi ficando como “guarda da gruta”, pago inicialmente pelas verbas sobranças da arqueologia ou pelas gratificações dos próprios visitantes, para finalmente, em data que desconhecemos, ter integrado os quadros da Junta Distrital, de onde transitaria para o Instituto Português do Património Cultural (IPPC), após a fundação deste organismo em 1980. Ainda que as suas funções fossem essencialmente de vigilância, na ausência de outros meios e pese embora a sua falta de preparação, Francisco Porteiro orientava o melhor que podia e sabia os visitantes, munido do seu inseparável “petromax” e recorrendo à memória das escavações e das conversas com Farinha dos Santos. Localizada em propriedade privada mas classificada como Monumento Nacional logo no ano da sua descoberta (Decreto 45 327 de 25 de Outubro de 1963), podemos dizer que a “gestão e salvaguarda” do sítio, pelo menos até à criação do IPPC em 1980, se baseou quase em exclusivo na estreita relação pessoal mantida entre o arqueólogo Farinha dos Santos, entretanto já sem ligação institucional ao Museu Nacional de Arqueologia, e o guarda Francisco, pago pela Junta Distrital de Évora.

A situação apenas se alteraria com a criação do IPPC em 1980 e a instalação do respetivo Serviço Regional de Arqueologia do Sul (SRAS), com sede em Évora, dirigido por Caetano Melo Beirão. Era então assistente na recente Universidade de Évora, Jorge Pinho Mon-



Fig. 3 - Fragmento de placa de calcite com ossos humanos, pronta para ser removida



Fig. 4 - Inauguração da nova sala de arqueologia na cave do Museu de Évora, em 18 de Maio de 1970

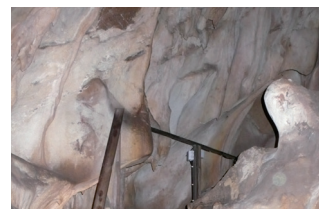


Fig. 5 - Aspeto das antigas estruturas de visita

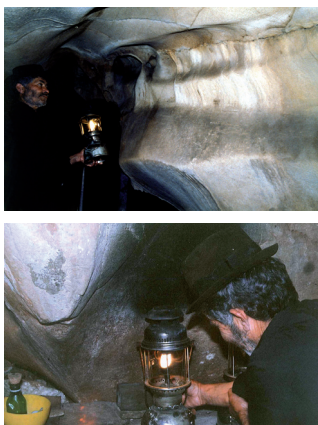


Fig. 6 - O guarda Francisco Porteiro e o seu inseparável “petromax”

teiro que, conjuntamente com Mário Varela Gomes e o próprio Farinha dos Santos, havia retomado em 1977, os estudos da arte rupestre da Gruta do Escoural, com o apoio da Câmara Municipal de Montemor-o-Novo. Quer por via da Universidade, a cuja colaboração Caetano Beirão recorria na falta de meios próprios, quer pelas relações de amizade e trabalho que já mantinha com aqueles colegas, em particular com Mário Varela Gomes, a Gruta do Escoural, tornar-se-ia um dos sítios prioritários na atuação do Serviço Regional de Arqueologia do Sul. Por sua iniciativa, tirando partido da ocupação da Herdade da Sala por uma cooperativa local, os terrenos onde se situava a Gruta do Escoural, incluindo o chamado “santuário rupestre exterior” e o povoado calcolítico entretanto identificado pelos colaboradores de Farinha dos Santos, foram então vedados (1981). Por outro lado, a situação do guarda Francisco seria clarificada, sendo este integrado nos quadros do IPPC e passando a responder administrativamente perante os serviços de Évora.

Ainda que as condições de visita à Gruta propriamente dita não se tenham alterado significativamente, há que realçar neste período e em áreas diversas, significativos contributos dos colaboradores de Farinha dos Santos, em articulação com o SRAS e a própria Câmara Municipal de Montemor-o-Novo. Desde logo na investigação, em especial da arte rupestre, com a apresentação em 1980 de um importante trabalho de síntese no colóquio comemorativo do centenário da descoberta da Gruta de Altamira. (SANTOS, GOMES E MONTEIRO, 1980). Por outro lado, na divulgação da Gruta junto de um público mais alargado. Correspondendo ao desafio de uma prestigiada associação local, o Grupo de Amigos de Montemor-o-Novo, o SRAS colaboraria ativamente na instalação no Convento de São Domingos, de um renovado Museu de Arqueologia, com projeto museológico de Mário Varela Gomes e com enfoque especial nos vestígios pré-históricos do Escoural. Neste processo coube a Caetano Beirão, um decisivo papel de intermediação com o Museu Nacional de Arqueologia, tendo este Museu depositado em Montemor-o-Novo, uma nova coleção de materiais das escavações de Farinha dos Santos, onde ainda hoje se encontram expostos. Acontece também nesta fase, a primeira tentativa séria de intervenção nas condições de visita à própria Gruta, através do desenvolvimento para o IPPC pelo arqueólogo Mário Varela Gomes, arquiteto de formação, em colaboração com o Arquiteto Rui Maneira Cunha, de um projeto para construção de uma estrutura local de acolhimento do público e apoio à visita. A proposta que não passou da fase de “estudo prévio” - até porque não estava ainda resolvida a questão da posse dos terrenos, devolvidos aos antigos proprietários após a extinção da cooperativa- consistia num pequeno edifício, a construir sobre a “cicatriz” da antiga pedreira, congregando as valências de habitação para um guarda residente, área de receção e zona de interpretação, obedecendo ao conceito de “museu de sítio” do qual se acederia diretamente à Gruta.

Em 1988, no ano em que passavam 25 anos da descoberta da Gruta do Escoural e por proposta de Mário Varela Gomes, a Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, organizou um colóquio internacional para o qual convidou diversos especialistas em arte rupestre e no qual ainda participou Farinha dos Santos. Foi na sequência deste evento, no qual estive já como Diretor do SRAS, que surgiu a oportunidade de lançamento de um novo projeto de investigação, integrando a componente de valorização, a promover pelo próprio serviço de Évora com a colaboração de uma equipa da Universidade de Liège, representada no referido colóquio pelo Professor Marcel Otte. O projeto, concretizado entre 1989 e 1992, acabaria por ter sobretudo uma importante componente científica traduzida em novas sondagens, no interior e exterior e novos levantamentos dos motivos rupestres, com os resultados rapidamente publicados em Portugal (ARAÚJO e LEJEUNE, 1995) e na Bélgica (OTTE e SILVA, 1996). Na vertente de valorização, porém, para além da recuperação pontual das envelhecidas estruturas de visita, apenas foi possível nesta fase, concretizar a instalação de iluminação elétrica, alimentada por painéis solares, acabando finalmente com a necessidade do poluente “petromax” do guarda Francisco.

Apesar do processo de aquisição dos terrenos da envolvente da Gruta, fator que condicionava qualquer projeto de valorização mais ambicioso, ter sido ainda iniciado pelo SRAS, seria já no contexto da Direção Regional de Évora do IPPAR, entretanto criada em 1992, que o mesmo se concluiria (1998). Tal facto, permitiu a inclusão da Gruta do Escoural, então identificada como “Conjunto Arqueológico do Escoural”, na rede de sítios arqueológicos abrangidos por um plano de valorização turística conhecido como “*Itinerários Arqueológicos do Alentejo e Algarve*” financiado através de fundos comunitários. Nesse âmbito seria encomendado no final da década o desenvolvimento de um novo projeto de Centro Interpretativo, com um programa semelhante ao abandonado projeto de Varela Gomes e Rui Cunha mas já sem a componente de residência do guarda e com uma localização algo diferenciada. Tirando partido da topografia do terreno entretanto adquirido, o projetista contratado, Arquiteto Nuno Simões, propôs um edifício semi-enterrado, separando o estacionamento da área arqueológica, à qual se acedia através de um pórtico. (ver Anexo II) Questões levantadas com a necessidade de trabalhos arqueológicos preventivos, que dependiam na altura do novo Instituto Português de Arqueologia (e não do IPPAR, entidade responsável pela Gruta e pelo projeto) a que se somaram movimentações de interesses locais que consideravam que uma estrutura de apoio à visita se deveria localizar preferencialmente na própria vila do Escoural, acabaram por determinar o abandono do novo projeto, substituído em último recurso e para não se perder o financiamento comunitário, pela adaptação a “Centro Interpretativo”, de um antigo edifício de apoio escolar disponível em Santiago do Escoural. Com o novo centro, inaugurado em Janeiro de 2001, os interessados na visita à Gruta do Escoural passaram a dispor, ainda que a uma distância de 3 quilómetros, de um local de receção



Fig. 8 - Museu de Arqueologia de Montemor-o-Novo

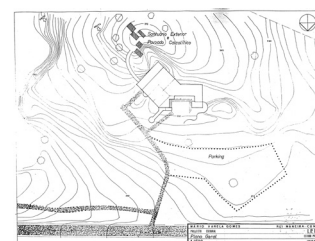


Fig. 9 - Centro de Acolhimento da Gruta do Escoural, planta geral, estudo prévio (1989)



Fig. 10 - Mesa da abertura do Colóquio comemorativo dos 25 anos da descoberta da Gruta do Escoural (1989). Da esquerda para a direita: Mário Varela Gomes, Antonio Beltran, o Presidente da Câmara Municipal Fernando Cruz, Manuel Farinha dos Santos e António Carlos Silva



Fig. 11 - Projeto luso-belga: sondagens junto à entrada nascente da Gruta do Escoural



Fig. 12 - O Centro de Interpretação da Gruta do Escoural, inaugurado em 2001

e preparação da visita, incluindo uma pequena exposição com alguns materiais arqueológicos (a antiga coleção exposta em 1970 no Museu de Évora).

Esta nova estrutura, porém, acabou por trazer mais problemas do que soluções, dado o seu afastamento físico em relação à Gruta, situação agravada pela dificuldade de estacionamento na sua proximidade. Nos primeiros tempos, graças aos “programas” de apoio à formação profissional e ao emprego, o problema foi artificialmente minorado com a duplicação do pessoal “rececionista”, dividido entre a Gruta e o Centro Interpretativo e facilitando o acesso direto à Gruta à maioria dos visitantes provenientes de Évora, assim dispensados de se deslocar à povoação do Escoural. Nesse contexto, graças à grande disponibilidade de mão de obra, nos anos imediatos à abertura do Centro Interpretativo, o nº médio de visitantes da Gruta, rondou os mil por mês, número entretanto nunca mais alcançado. Com efeito, com a impossibilidade de recurso aos programas de “formação” e a impossibilidade legal de novas contratações, mesmo após a aposentação do guarda Francisco, tudo se complicou. Não tendo sido possível, nem sendo sustentável, dispor mais do que um rececionista, o modelo de visita à Gruta teve de ser revisto e adequado a essa nova realidade, refletindo-se essa situação na queda abrupta do número de visitantes. Por princípio, dentro de um horário pré-determinado, o único rececionista normalmente disponível, passou a ter de assegurar a abertura do Centro Interpretativo, a marcação prévia obrigatória das visitas, e por fim, o acompanhamento dos visitantes na deslocação à Gruta.

2. A REQUALIFICAÇÃO DO CIRCUITO DE VISITA DA GRUTA DO ESCOURAL (2009-2011)

Na sequência da abertura do Centro Interpretativo na vila de Santiago do Escoural, oficialmente inaugurado em 27 de Janeiro de 2001, tornou-se evidente para a Direcção Regional de Évora do IPPAR a necessidade de melhorar também as condições de visita à Gruta que, salvo a iluminação elétrica instalada uma década antes, quase não conheceu melhorias significativas desde a sua descoberta. Consciente da delicadeza das intervenções em espaço subterrâneo, o arqueólogo responsável pela gestão da Gruta, João Marques, com o apoio da Divisão de Conservação e Restauro do IPPAR e a colaboração de uma equipa da Universidade de Bordéus, coordenada por Philippe Malaurent (Centre de Développement des Géosciences Appliquées-CGDA- Univ.Bordeaux-1), tomou a iniciativa de, previamente, levar à prática um projeto de análise das condições ambientais da cavidade, na perspetiva da conservação da arte rupestre (BRUNET et alii, 2002). As conclusões do estudo, desenvolvido entre 2002 e 2004, cruzando os dados da geologia e da geomorfologia da cavidade, com dados geofísicos e ambientais recolhidos no seu interior ao longo de um ciclo temporal alargado, apontariam para um conjunto de recomendações a serem tidas em conta num futuro projeto de requalificação das estruturas de

apoio e do próprio modelo de visita à Gruta do Escoural. Dessas conclusões destacamos as relacionadas com a qualidade dos materiais e o modo de execução técnica das novas estruturas de visita, bem como a recomendação de se proceder a uma limpeza sistemática da superfície da cavidade onde ao longo dos anos se haviam acumulado indesejáveis restos orgânicos. Uma proposta específica, decorrente da necessidade de limitar as transferências térmicas entre o interior e exterior da cavidade, dada a sua proximidade em relação à superfície, consequência da atividade da antiga pedreira, apontava também para a alteração da forma de acesso à Gruta (MALAURENT et alii, 2004). Munido destes dados, a DRE do IPPAR preparou um novo programa (2005) a ser desenvolvido pelo Arquiteto Nuno Simões, autor do abandonado projeto do Centro Interpretativo. O programa assumia as recomendações do estudo da equipa francesa do CGDA e para além da renovação integral das obsoletas estruturas de visita bem como da instalação de nova luminotecnia, previa a construção de uma antecâmara para controlo do acesso, evitando a excessiva exposição da cavidade às condições ambientais exteriores.

A necessidade de enquadramento financeiro que permitisse a concretização deste programa atrasaria, no entanto, por mais alguns anos a intervenção no interior da cavidade. Apenas em finais de 2009, no âmbito de uma candidatura aos fundos comunitários do Programa INALENTEJO (Eixo2, Valorização do Espaço Regional) seriam finalmente garantidos os meios financeiros necessários para aquele efeito. Ainda que a candidatura, intitulada “Gruta do Escoural_ requalificação do circuito de visita” tivesse o seu foco no interior da própria gruta, a oportunidade seria aproveitada para atuar noutras frentes, nomeadamente na requalificação dos espaços exteriores (estacionamento e acesso) e na melhoria das precárias instalações de apoio já existentes. Foi também ainda possível integrar nesta mesma candidatura algumas ações complementares do âmbito do conhecimento e da divulgação. Destacamos neste campo a execução de um novo levantamento tridimensional das principais galerias, recorrendo a tecnologia de varrimento laser, posteriormente usado na produção de um vídeo que permite uma visita virtual à Gruta, ou a edição de uma nova monografia ilustrada sobre a Gruta do Escoural, destinada a um público alargado (SILVA, 2011). Por fim, considerando as alterações que iriam ser introduzidas na Gruta, foi decidido encomendar a uma equipa especializada um “plano de conservação preventiva e de monitorização”, cujo desenvolvimento e principais resultados e conclusões constam de artigo específico editado na presente revista.

A intervenção mais delicada, dadas as suas potenciais implicações com a conservação e a salvaguarda da integridade dos vestígios rupestres parietais, dizia respeito à desmontagem das antigas estruturas de visita e à instalação dos novos passadiços e equipamentos de iluminação que, por precaução, respeitaram integralmente o percurso de visita original. Considerando a fragilidade do património em causa, foi estabelecido um



Études pour la conservation des parois de la grotte d'Escoural - Portugal.

Philippe MALAURENT
Frédéric HUNEAU
Roland LASTENNET
Richard FABRE

Centre de Développement des Géosciences Appliquées - CDGA
Université Bordeaux-1

- 2004 -

Nº du dossier : 2004-0024

Université Bordeaux-1 - UFR Géologie - Centre de Développement des Géosciences Appliquées
Avenue des Fées, Bât. 18 - 33405 TALENCE-CEDEX
Téléphone : (0) 59 00 99 42 - Télécopie : (0) 59 00 31 12 - Courriel : chamone@cdga.u-bordeaux1.fr

Fig. 13 - O Relatório sobre a conservação da Gruta do Escoural, coordenado por Philippe Malaurent



Fig. 14 - A execução do levantamento tridimensional da Gruta, após a desmontagem das estruturas antigas



Fig. 15 - Novas pesquisas rupestres após a desmontagem das estruturas e limpeza da Gruta



Fig. 16 - Realização experimental de novos levantamentos pela equipa do Museu do Côa em Novembro de 2009

protocolo de atuação preventiva a ser seguido pelos operários nos trabalhos iniciados em fins de 2009, excluindo do interior da cavidade todas as ações que pudessem ter implicações potencialmente negativas. O cumprimento desse protocolo foi garantido ao longo das várias fases de execução, incluindo a componente de luminotecnia, através de acompanhamento arqueológico permanente, sob a responsabilidade direta do signatário, coadjuvado no terreno por António Bairinhas, um técnico de arqueologia com grande experiência e especial conhecimento desta Gruta onde havia trabalhado no início dos anos 90 no âmbito do projeto luso-belga. De referir que após a desmontagem das estruturas envelhecidas, foi necessário proceder a uma limpeza controlada da superfície do solo, onde durante décadas se haviam acumulado os mais diversos resíduos. A ausência temporária de obstáculos físicos foi entretanto aproveitada para a realização de alguns levantamentos, nomeadamente fotográficos e topográficos, com destaque para o levantamento tridimensional já referido. Neste âmbito, é de registar a identificação de um novo painel com gravuras não figurativas, localizado numa fenda rochosa sob as antigas estruturas. Esta descoberta motivou a deslocação ao Escoural em Novembro de 2009, de uma equipa do Museu do Côa dirigida por António Martinho Baptista que procedeu ao levantamento gráfico do novo painel de gravuras, aproveitando a oportunidade para, experimentalmente, proceder a novos levantamentos de algumas gravuras já conhecidas. Mais tarde, em Março de 2010, já durante a fase de instalação dos novos passadiços, António Bairinhas identificaria uma nova pintura, uma pequena cabeça de auroque vista de perfil e pintada a vermelho. No campo específico da investigação, destaca-se ainda a recolha em Janeiro de 2011, de um conjunto de duas dezenas de amostras de calcite, selecionadas em função da sua associação a diversos motivos pintados ou gravados, visando a tentativa de datação indireta da arte rupestre. A amostragem realizada em articulação com António Martinho Baptista e eu próprio, foi realizada por João Zilhão e Alistar Pike, no contexto de um projeto europeu de datação absoluta da arte rupestre paleolítica, estando as respetivas análises ainda em fase de tratamento.

Problemas técnicos surgidos durante a execução da obra, particularmente no que respeita à luminotecnia, acabaram por atrasar a sua conclusão. De facto, todo o sistema elétrico havia sido projetado para ser alimentado por uma pequena central solar, a ser instalada no exterior da cavidade. No entanto, dúvidas quanto à segurança, resultantes de sucessivas ocorrências de roubo e vandalismo facilitadas pelo isolamento do local, acabaram por determinar a alteração do projeto, obrigando ao estabelecimento de um ramal de ligação à rede elétrica pública. Significou essa circunstância que, encerrada à visita pública no final de 2009, a Gruta só viria a estar de novo acessível, com alguma regularidade, a partir de Julho de 2011, altura em que foram dadas por concluídas as várias intervenções previstas no programa e apresentado ao público, a nova monografia “Escoural- Uma Gruta Pré-histórica no Alentejo”.¹

Infelizmente e apesar da significativa melhoria das condições de visita, permaneceram os mesmos constrangimentos de gestão, decorrentes das dificuldades de afetação de pessoal e da carência de meios próprios para assegurar uma manutenção particularmente exigente, face à natureza e localização deste bem patrimonial. Apesar da carga máxima de visitantes, entretanto avaliada no âmbito do novo estudo de conservação, apontar para números diários que podem ir até à meia centena de pessoas, desde que respeitados protocolos de acesso específicos, as visitas médias verificadas a partir daquela data continuam muito longe daquele potencial, agravando a sensação de frustração na população, que continua a não sentir qualquer retorno ou benefício da presença deste património no seu território². Por outro lado, aquela que tinha sido imaginada como uma segunda fase de valorização do “conjunto arqueológico do Escoural” e que previa a criação de um percurso exterior de complemento à visita, encontra-se adiada “sine die”. A existência de condições para acesso público à zona da entrada nascente, ao povoado calcolítico ou ao “santuário rupestre exterior” localizado sobre a cavidade, representariam certamente uma mais-valia inestimável para o conjunto.

3. PROBLEMAS ATUAIS, PERSPETIVAS FUTURAS

Em conclusão, podemos afirmar que apesar da melhoria significativa das condições de acesso e visita à cavidade, apesar da sua associação a um Centro de Acolhimento e Interpretação existente na vila do Escoural, o património que representa a presença da única gruta conhecida no território nacional com vestígios rupestres paleolíticos, continua aparentemente a não ter qualquer consequência direta no desenvolvimento local. Tendo acompanhado pessoalmente, a partir de situações diversificadas, este historial de meio século, tenho refletido sobre este aparente contrassenso, tentando imaginar o modelo que, respeitando as condicionantes específicas de conservação, permitisse ao menos cumprir os seguintes objetivos:

- Atingir um patamar de visitantes da ordem dos 15 000, gerando receitas diretas que anualmente contribuíssem para a sustentabilidade da gestão corrente, incluindo gastos com pessoal e manutenção do sítio;
- Conseguir que, pelo menos uma parte daqueles visitantes, atraídos por fatores ligados à Arqueologia e ao Património, mas também à gastronomia, artesanato ou outros recursos, tenha interesse em deslocar-se à vizinha vila do Escoural;

Partindo da experiência posterior à recente requalificação, começarei por listar, em meu parecer, as vantagens e desvantagens das duas soluções ou modelos de gestão básicos que



Fig. 17 - Aspeto das obras de montagem da nova estrutura de visita



Fig. 18 - Primeira visita pública em Julho de 2011, após as obras de requalificação



Fig. 19 - Sessão de lançamento do livro Escoural, uma Gruta Pré-histórica no Alentejo, (da esquerda para a direita: António Carlos Silva (autor), Luis Raposo (Director do MNA), Aurora Carapinha (Diretora Regional de Cultura), Carlos Pinto Sá (Presidente da Câmara Municipal), João Marques (Vereador) e Duarte Vicente (Presidente da Junta de Freguesia)

normalmente dividem as opiniões dos que se preocupam com este assunto e que passam no essencial, ou pela situação atual, com distribuição física de meios entre a Gruta e a vila do Escoural ou pela sua exclusiva concentração junto à própria cavidade. Terminarei com a apresentação da proposta de uma terceira “via”, concebida já há alguns anos (2009) e que na altura idealizei como possível programa evocativo do “cinquentenário” da descoberta. Apesar da concretização de algumas ações nelas identificadas, esta proposta nunca passou dos gabinetes da Direção Regional de Cultura do Alentejo ou da autarquia de Montemor-o-Novo, pelo que aproveito para a publicar no Anexo I, respeitando sua forma original, enquanto contributo datado para uma reflexão que está longe de ter terminado.

Modelo 1) Manter o Centro de Interpretação na vila do Escoural, mas em local mais favorável:

Esta seria no atual contexto económico, a fórmula mais realista para melhorar, sem necessidade de novos e pesados investimentos, a presente situação. Com efeito está provado que a atual localização do Centro de Interpretação é totalmente inadequada para os fins em vista, não só pela sua reduzida visibilidade mas sobretudo pela ausência de estacionamento associado. Como alternativa, deveria ser encontrado um novo espaço público para reinstalação de uma simples sala de receção e informação, com facilidade de estacionamento e preferencialmente na saída do Escoural para Évora e Alcáçovas;

Vantagens:

- em princípio seria a solução mais económica para obter resultados imediatos;
- seria uma solução cómoda para os visitantes provenientes de Montemor ou de Alcáçovas;
- ainda que o novo CI se localizasse nos limites da Vila, esta solução proporcionaria maior interação entre os turistas e a povoação;
- facilitaria a gestão das visitas, sempre por marcação prévia, nas situações limite de meios humanos, isto é apenas com um “guia”;

Modelo 2) concentração de meios na Gruta:

À primeira vista esta seria a solução ideal de gestão, mas exigiria o regresso ao projeto abandonado de construção de uma unidade de receção e interpretação no próprio sítio, com um mínimo de condições.

Vantagens:

- facilidade de acesso direto dos visitantes, com menos perda de tempo, o que se refletiria de imediato no aumento das visitas e das receitas diretas;

- valorização da visita dada a proximidade entre a “interpretação” e a própria cavidade;
- maior facilidade de gestão do conjunto das instalações e equipamentos concentrados num único local;

Desvantagens:

- a necessidade de um grande investimento para a criação de condições físicas de receção e interpretação (construção de um Centro de Interpretação de raiz);
- o isolamento do local, colocando grandes desafios em termos de segurança, para pessoas e instalações;
- o reduzido efeito económico-social para a vila do Escoural, atendendo a que a grande maioria do fluxo turístico proveniente de Évora, não teria qualquer necessidade de se deslocar ao Escoural;

Ainda que esta fosse a melhor solução na perspetiva do aumento do número de visitantes, isso não evitaria a necessidade de reforço de meios humanos, na medida em que as visitas ao interior da cavidade são sempre obrigatoriamente acompanhadas por guia. Com efeito seria particularmente frustrante, serem criadas as condições físicas que facilitassem o aumento de visitantes, não tendo depois meios humanos para dar resposta a um previsível maior afluxo.

Resumindo, qualquer que seja o modelo de gestão nas atuais circunstâncias, um aumento significativo de visitantes, capaz de gerar algum retorno direto na vila do Escoural, exigirá sempre a resolução prévia da questão dos meios humanos, não apenas no que respeita ao seu número mas também no que respeita à sua formação e condição laboral. O presente “recurso” a programas de ocupação temporária de desempregados, reciclados como “guias”, tem-se revelado um paliativo, desmotivador para os próprios e frustrante para os responsáveis pelo sítio. Para além da garantia de um responsável técnico-científico na área da arqueologia ou da conservação (assegurado desde os anos 80 por funcionários dos serviços desconcentrados da Administração Central, de Évora) a existência de dois guias, preferencialmente sedeados no Escoural, com alguma garantia de estabilidade profissional, formação adequada e funções diversificadas (receção e informação turístico-arqueológica, bem como conservação e manutenção do sítio e da sua envolvente) é o mínimo indispensável para que a Gruta do Escoural, seja qual for o modelo de gestão - mais balanceado para a o sítio arqueológico ou para a povoação, dependente da Administração Central ou da Administração Local- possa finalmente cumprir o papel cultural e social que está ao seu alcance, enquanto “recurso turístico de características únicas”, conjugando a forte atratividade da arte rupestre em geral, com a circunstância de ser a única cavidade conhecida em território português com vestígios remontando ao Paleolítico.

NOTAS

¹ Na sua globalidade, a operação de requalificação implicou um investimento total de 326 000€, comparticipados por verbas comunitárias (FEDER) em 236 000€ (73%). Aquele valor foi gasto em projetos e obras (requalificação interior e câmara de acesso [58 000€], luminotecnica [93 000€] arranjos exteriores [123 000€]) e estudos, levantamentos e edições (52 000€).

² Entre 2011 e 2014, o nº médio anual de visitantes foi da ordem dos 1800.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, A.C. e LEJEUNE, M. (1995) - *Gruta do Escoural: necrópole neolítica e arte rupestre paleolítica*. Lisboa, IPPAR, 262 p. (Trabalhos de Arqueologia 8)

BRUNET, J.; MALAURENT, P., VOUVÉ, J., MOINHOS, M.J., MARQUES, J. (2002) - Études de conservation de la grotte ornée d'Escoural, *Património Estudos*, IPPAR, Lisboa, p.79-83

MALAURENT, P. et alii (2004) - Études pour la conservation des parois de la grotte d'Escoural-Portugal. Bordeaux: Université Bordeaux 1, Centre de Développement des Géosciences Appliquées (CGDA), 64 p. (relatório inédito)

OTTE, M.; SILVA, A.C. dir. (1996) - *Recherches préhistoriques à la Grotte d'Escoural, Portugal*. Liège. Service de Préhistoire de l'Université. (ERAUL 65) 362 p.

PAÇO, A. (1963) - Arqueologia e Turismo na Região de Évora, separata de *A Cidade de Évora*, nº 45-46.

SANTOS, M.F. (1964) - Vestígios de pinturas rupestres na Gruta do Escoural. *O Arqueólogo Português*. Lisboa.S.2, vol.5, p. 5-47

SANTOS, M.F.; GOMES, M.V. e MONTEIRO, J.P. (1980)-Descobertas de Arte Rupestre na Gruta do Escoural, in *Altamira Symposium*. Madrid. p. 205-242.

SILVA, A.C. (2008) - O Museu Nacional de Arqueologia e a salvaguarda do património arqueológico. Algumas reflexões tendo como pano de fundo a actuação do Museu aquando da descoberta da Gruta do Escoural (1963). *O Arqueólogo Português*. Lisboa.S.4, v.26, p. 299-344.

SILVA, A.C. (2001) - Escoural, Uma Gruta Pré-histórica no Escoural, Direcção Regional de Cultura do Alentejo, Évora, 2011, 141 p..

ANEXO I

Proposta para a criação do “Arqueo-Centro Rupestre do Escoural”³

0. Introdução

Gruta do Escoural - importância e estatuto

A *Gruta do Escoural*, pequena cavidade natural localizada próximo de Santiago do Escoural, a meio caminho entre Montemor-o-Novo e Évora, conserva, para além de outros vestígios, testemunhos raros de “arte rupestre paleolítica” (em Portugal, caso único em gruta), e integra-se numa região que pelo seu elevado interesse ambiental e patrimonial, a Serra de Monfurado, apresenta um forte potencial no domínio do turismo cultural. Classificada como Monumento Nacional desde a descoberta em 1963, a Gruta é actualmente propriedade pública, afecta ao Ministério da Cultura através da Direcção Regional de Cultura do Alentejo (DRCALEN). Esta Direcção é também responsável pela gestão de um pequeno Centro Interpretativo, instalado desde 2001 na localidade do Escoural, em edifício da Junta de Freguesia.

Situação actual e potencialidades

No início da presente década, o número de visitantes do conjunto arqueológico do Escoural (Centro e Gruta) chegou a superar, em média, os mil por mês mas nos últimos dois anos, problemas vários têm afectado o funcionamento regular destas estruturas, com efeitos nefastos sobre a procura turística. Ainda que DRCALEN e a própria Câmara Municipal de Montemor-o-Novo (CMMN) estejam, entretanto, a procurar soluções que permitam retomar, no curto prazo, um nível de funcionamento mais adequado à importância do conjunto, existe a noção de que, face à natureza e raridade dos valores em causa, é possível e necessário, oferecer muito mais aos visitantes. Só avançando nessa direcção, tirando partido não apenas do renome do sítio “Gruta do Escoural”, mas também do ambiente natural e cultural em que o mesmo se integra, será possível transformar todos estes valores num recurso estratégico ao serviço do desenvolvimento local e regional.

Um recurso identificado na Carta Estratégica do Concelho de Montemor-o-Novo (2007-2017)

Com efeito, a Carta Estratégica do Concelho de Montemor-o-Novo, não só reconhece o turismo como um factor de impulso ao desenvolvimento regional e local, como identifica a Gruta do Escoural e o Sítio da Rede Natura 2000 do Monfurado, como recursos culturais e ambientais de interesse estratégico. Desse reconhecimento decorre, aliás, no âmbito

do respectivo “Programa de Actuação”, a formulação de um projecto intitulado “PARQUE CULTURAL DO PALEOLÍTICO E NEOLÍTICO E RESPECTIVO NÚCLEO MUSEOLÓGICO”. Ainda que difuso quanto ao modelo subjacente e recorrendo a conceitos hoje algo banalizados (“Parque Cultural” / “Núcleo museológico”), a proposta revela consciência da mais-valia arqueológica em causa (Gruta e Património Megalítico em especial) e da necessidade de a colocar ao serviço do desenvolvimento.

1963-2013: O cinquentenário da descoberta - um pretexto e uma oportunidade

Nesse sentido, a circunstância de no ano de 2013 se comemorar o cinquentenário da descoberta da Gruta, protagonizada por trabalhadores do Escoural, pode e deve ser “agarrada” como uma oportunidade ou um pretexto para, correspondendo aos anseios há décadas manifestados pelas populações e entidades locais e regionais, e aos objectivos estratégicos assumidos pela própria autarquia, identificar, planear e promover um conjunto de acções que permitam, de forma integrada e sustentada, colocar este Património ao serviço de um grande projecto de desenvolvimento regional. Naturalmente, o presente documento, assume-se como uma proposta preliminar de “programa-base”, de apoio à decisão da DRCALEN e da Autarquia, entidades que, independentemente das soluções, fórmulas de desenvolvimento, e eventuais parcerias, públicas ou privadas, estarão necessária e inevitavelmente na base de um projecto com essa ambição.

1. A CRIAÇÃO DE UM ArqueoCENTRO RUPESTRE DO ESCOURAL - CONCEITO BASE E PRESSUPOSTOS QUE LHE DÃO CONSISTÊNCIA

1.1. Conceito base e localização

Propõe-se a criação na área urbana do Escoural, ou na sua envolvente imediata, (eventualmente tirando partido da recuperação e reutilização de construções já existentes) de um **ArqueoCENTRO RUPESTRE**, uma ampla estrutura física que integraria para além de uma área expositiva e interactiva no domínio da divulgação científica sobre as Arqueociências em geral e a Pré-História em particular, uma estrutura técnica responsável pela valorização e animação turístico-cultural da Gruta do Escoural e outros recursos patrimoniais e naturais da Serra do Monfurado.

Sendo a ligação à GRUTA, o eixo vital do projecto, a localização do ArqueoCENTRO deverá ser devidamente ponderada. A opção urbana, apresenta mais vantagens do que desvantagens, nomeadamente de ordem prática e económica, quer para a fase de construção/ instalação quer para o funcionamento futuro, permitindo tirar proveito de uma

estreita articulação com a vida da própria localidade. Ainda assim, a grande vantagem dessa separação (cerca de 3km) residirá na possibilidade de, mesmo com algumas melhorias necessárias a promover na Gruta e na sua envolvente, conservar e tirar o máximo partido possível do seu ambiente natural, conferindo à visita (sempre de forma organizada e em complemento das actividades do ArqueoCENTRO) um ar de aventura e de descoberta...Por outro lado, esse afastamento permitirá aliviar a previsível pressão turística sobre a cavidade natural que um projecto desta natureza induzirá, sem frustrar totalmente as expectativas dos utentes do ArqueoCENTRO, que por qualquer motivo ou circunstância, não possam aceder à Gruta.

1.2. Componentes do ArqueoCENTRO RUPESTRE

A - um núcleo ou **Centro de Ciência Viva*** (CCV) dedicado à exploração experimental/interactiva (conjugando áreas expositivas com ateliers experimentais, em área coberta ou ao “ar-livre”) de temáticas científicas relacionadas com a Pré-história, como por exemplo: a Evolução Humana e a Teoria Darwinista, as Arqueo e Geociências (da Geologia, aos métodos geofísicos de datação absoluta, passando pela Palinologia, Paleobotânica, Arqueozootologia...), o Megalitismo e, naturalmente, a Arte Rupestre. Este núcleo, estará essencialmente virado para o apoio didáctico a grupos de alunos dos vários graus de ensino, mas deverá poder responder também ao interesse e curiosidade dos turistas ocasionais ou dos grupos “seniores”, neste caso através de actividades de terapia ocupacional; deverá funcionar em directa articulação com as visitas organizadas à Gruta do Escoural, ou em alternativa ou complemento, a outros monumentos e sítios pré-históricos da região (Montemor e Évora), como o Cromeleque dos Almendres ou a Anta Grande do Zambujeiro. (** Os Centros Ciência Viva são espaços interactivos de divulgação científica e tecnológica distribuídos pelo território nacional, funcionando como plataformas de desenvolvimento regional - científico, cultural e económico - através da dinamização dos actores regionais mais activos nestas áreas-* in www.cienciaviva.pt)

B - um núcleo interpretativo da Gruta do Escoural e património associado, especialmente vocacionado para a valorização, conservação e gestão turística da Gruta (organização e acompanhamento das visitas; monitorização ambiental; manutenção). Ainda que a componente interpretativa ou museológica, deva integrar-se, de forma mais ou menos destacada, no discurso expositivo do CCV (geologia, antropologia, cronologia, arte rupestre, pré-história...), a este núcleo seriam assacadas as funções de gestão corrente do Monumento Nacional_Gruta do Escoural, (*por concessão da DRCALEN e sob a supervisão desta*) incluindo além da organização das visitas, a monitorização regular das respectivas condições ambientais e a realização das acções de conservação, manutenção e eventualmente, de investigação.

C - um núcleo para a **divulgação e valorização turístico cultural** dos recursos patrimoniais e ambientais da Serra do Monfurado. Este núcleo, algo supletivo em relação aos anteriores, resultaria antes de mais do interesse e vantagens óbvias em tirar partido das infra-estruturas e meios técnicos e humanos instalados para promover, informar e divulgar a utilização turística sustentada dos recursos ambientais e patrimoniais do Sítio do Monfurado, nomeadamente através do apoio ao desenvolvimento de percursos pedonais, cicláveis, todo-o-terreno, etc... Naturalmente, essa promoção poderá e deverá articular-se com as restantes valências científicas e culturais, numa lógica de complementaridade que alargará o leque de potenciais interessados e diminuirá os riscos de uma especialização excessiva, demasiado direccionada ou sujeita a grandes oscilações sazonais.

Em síntese, o ArqueoCENTRO RUPESTRE do Escoural, concentraria num mesmo espaço, partilhando os mesmos recursos humanos e técnicos, valências funcionais diversas mas complementares (com um leque de destinatários, tão abrangente quanto possível) nomeadamente: *um **espaço expositivo interactivo** sobre as ciências relacionadas com a Pré-história; **ateliers didácticos** de exploração “ao vivo” de tecnologias e práticas pré-históricas (talhe do sílex, produção do fogo, fabrico de tintas a partir dos pigmentos naturais, fabrico de vestuário a partir de peles de animais, produção de cerâmica manual e à roda, etc...); um “**balcão**” de informações, de organização de visitas acompanhadas à Gruta do Escoural e de exploração do vasto património cultural e natural da Serra de Monfurado ou mesmo da região de entre Montemor e Évora;*

1.3. Factores favoráveis a um projecto com estas características:

- i. Relação de proximidade e de onomástica entre a *Vila de Santiago do Escoural* e a *Gruta do Escoural*, a única cavidade portuguesa com vestígios de Arte Rupestre Paleolítica, e uma das raras, ainda visitáveis, a nível internacional;
- ii. Associação, quase do senso comum, entre “ESCOURAL e PRÉ-HISTÓRIA”, consolidada por várias décadas de ensino da disciplina de História nos Ciclos Preparatório e Secundário;
- iii. Localização estratégica do Escoural, no que respeita a acessibilidades, atravessada pela velha Estrada Nacional N°2, a poucos quilómetros de duas saídas da A6 (Montemor-o-Novo Oeste e Évora Oeste), e muito próximo da estação de Casa Branca, (bifurcação da Linha de caminho ferro do Sul);ou seja a pouco mais de 1,30h da Grande Lisboa ou de Badajoz.
- iv. integração num contexto paisagístico e ambiental de valor reconhecido, (SÍTIO DE MONFURADO, classificado como Sítio de Importância Comunitária, aprovado pela Portaria 829/2007 de 1 de Agosto) e de grande potencial patrimonial, nomeadamente nos

domínios da Pré-história e especificamente do MEGALITISMO (*antas, menires e recintos megalíticos*, alguns reconhecidos internacionalmente, como o **Cromeleque dos Almendres** ou a **Anta Grande do Zambujeiro**)

v. o carácter praticamente inédito, a nível nacional, de uma estrutura deste tipo quer pelas temáticas propostas quer pela relação directa e prática que é possível estabelecer com vestígios patrimoniais associados. (Nota: dos 16 CCV existentes no país_ apenas 1 no Alentejo, em Estremoz dedicado à Astronomia_ nenhum aborda as Arqueociências ou a Pré-história; mesmo os Museus de Arqueologia, com excepção do Museu de Mação, com algumas experiências no domínio de “ateliers”, raramente abordam ou tratam estas temáticas na perspectiva proposta para o ArqueoCENTRO.)

1.4. Públicos potenciais

As limitações “físicas” da GRUTA

As poucas estatísticas disponíveis, mostram que, nos períodos de funcionamento regular (sem qualquer promoção especial), a Gruta do Escoural foi procurada, em média, por cerca de 1000 visitantes mês, ou seja cerca de 30 pessoas dia. Na prática, sabemos que esse número diário, variava muito, havendo mesmo dias, em que por motivo de “visitas de estudo”, as entradas na Gruta podiam atingir a centena e meia de pessoas.

Ainda que, teoricamente haja interesse, por várias razões, em atrair ao Escoural o maior número possível de visitantes, deverá ter-se sempre presente nos estudos de viabilidade, que existem limitações e condicionantes objectivas não ultrapassáveis no que respeita à visita à Gruta propriamente dita. Antes de mais por razões conservacionistas, considerando a necessidade de controlar e minimizar os efeitos negativos de quaisquer excessos de visitantes. Por outro lado, por razões práticas, atendendo às condições específicas do espaço físico disponível no interior da cavidade e à necessidade de acompanhamento obrigatório das visitas. Ainda que a duração e as características das visitas se devam adaptar aos diferentes tipos de visitantes, tendo em conta a experiência acumulada de acompanhamento dos vários modelos de visita ensaiados ao longo das duas últimas décadas, bem como os resultados dos estudos de conservação promovidos pela exDRÉvora do IPPAR, a seguir se indicam aqueles que nos parecem ser os limites de acessibilidade pública à Gruta (partindo do princípio que são introduzidas algumas benfeitorias propostas pelos referidos estudos e de que se promoverá a monitorização permanente dos vários índices ambientais com interesse para a conservação...)

Considerando um horário base das 10h às 18h, seria, teoricamente, possível organizar 14 visitas diárias x 10 pessoas, ou seja um total máximo de 140 entradas diárias na Gruta.

Nos dias em que haja “visitas de estudo” ou “excursões”, o nº de visitas turísticas terá que ser reduzido para 12 ou para 10 (conforme haja 1 ou 2 excursões...). Nesse caso aquele número de 140 entradas poderia, teoricamente, ser ligeiramente ultrapassado (150 ou 160 pessoas).

Com estes dados calculamos a capacidade máxima da GRUTA DO ESCOURAL entre 30 a 40 000 visitantes ano, desde que reunidas novas condições de acesso (construção da “antecâmara”) e montado um novo sistema de monitorização das condições ambientais.⁴

Este número pode parecer demasiado optimista quando comparado com os dados estatísticos disponíveis, mas será necessário contar com um incremento significativo de visitantes com a criação do ArqueoCENTRO RUPESTRE e o efeito novidade associado. Não será muito legítimo procurar extrapolar resultados em função dos nºs de visitantes que o “*Fluviário de Mora*” atingiu no primeiro ano e meio de vida (300 000 visitantes...) mas esse dado mostra claramente que há público para iniciativas com qualidade, desde que feita a respectiva divulgação e que não seja frustrada a expectativa das pessoas. Nesse sentido, a visita à GRUTA deverá sempre ser apresentada como a “cereja em cima do bolo” a que apenas alguns terão direito (desde que se organizem com a devida antecedência...), insistindo o plano de Marketing em tudo o mais que o ArqueoCENTRO tenha para oferecer aos públicos mais diversos. Assim e tendo em conta os dados turísticos referentes a Évora, julgamos que não será exagerado estimar números de potenciais visitantes do ArqueoCENTRO, bem acima dos 50 000/ano.

Os visitantes potenciais e as respectivas expectativas:

Da análise dos dados estatísticos, ficamos com a noção de que os visitantes que procuram a Gruta do Escoural se repartem, em percentagens equivalentes, por 3 grupos principais:

- *os grupos escolares, dos vários graus de ensino, desde o Primário ao Universitário, incluindo grupos escolares estrangeiros (diversas nacionalidades);*
- *os turistas estrangeiros, por vezes em grupos canalizados por Agências;*
- *os turistas portugueses, por vezes em grupos (excursões);*

O aspecto mais significativo destes dados, é a grande representatividade dos visitantes estrangeiros que se pode explicar por três razões: i. *a proximidade de Évora, cidade com um turismo de âmbito cultural muito significativo;* ii. *o interesse que a “arte rupestre” induz em determinados grupos;* iii. *o facto da maior parte das grutas espanholas e francesas com arte rupestre, ou estarem fechadas ou serem de acesso ou visita difícil.*

Neste contexto, o ArqueoCENTRO RUPESTRE, deverá encontrar quer nas soluções expositivas quer no modelo de funcionamento, um equilíbrio entre a componente didático-

-formativa (orientada para os grupos escolares ou mesmo para os grupos “seniores” ou o “turismo de famílias”) e a componente turístico-cultural muito ancorada na Gruta e no património megalítico regional tirando partido dos muitos milhares de turistas que procuram Évora anualmente.

Públicos “alvo” do ArqueoCENTRO RUPESTRE:

- grupos escolares nacionais e estrangeiros (ateliers didáticos, visitas à Gruta e aos Monumentos Megalíticos da região)- *Outubro/Novembro; Janeiro a Maio*; será o grupo menos “dependente” da Gruta, até porque os “ateliers” poderão explorar e encaminhar os grupos para outras temáticas;
- grupos seniores (ateliers ocupacionais e visitas patrimoniais diversas)_ *ao longo do ano*;
- turistas nacionais de forma individual (visitas à Gruta e M.Megalíticos)_*ao longo do ano, com maior incidência nos meses de Verão e nas férias da Páscoa*_; *duma maneira geral pretenderão visitar a Gruta*
- turistas estrangeiros (visitas à Gruta)_ *ao longo do ano, com maior incidência na Primavera/Verão_ especialmente atraídos pela possibilidade de visitar a Gruta*;
- grupos nacionais de turismo “alternativo” organizado (visitas à Gruta e percursos na Serra do Monfurado)_ *especialmente no Outono e Primavera*; menos dependentes da visita à Gruta.

2. DESENVOLVIMENTO, CONCEPÇÃO E EXECUÇÃO DA COMPONENTE FÍSICA DO “ArqueoCENTRO RUPESTRE”

2.1. Localização

Conforme já se referiu, propõe-se a localização do ArqueoCENTRO na área urbana do Escoural, de preferência em zona desafogada e directamente relacionada com a EN2 que atravessa actualmente a vila. A localização nas proximidades da Gruta poderia apresentar algumas vantagens, caso aquela estrutura fosse entendida apenas como uma estrutura de apoio à respectiva visita. Foi obedecendo a esse objectivo que em tempos o ex IPPAR através da sua Direcção Regional de Évora, promoveu a elaboração de um projecto de um pequeno Centro Interpretativo, que funcionaria como interface e de “sala de espera”, entre o actual parque de estacionamento e a Gruta. Uma estrutura mais ambiciosa e com objectivos similares aos que se propõem agora, exigiria uma construção nova com alguma dimensão e inevitável impacto na envolvente da Gruta. A não ser que se procurasse um espaço suficientemente afastado... Mas, perante tal alternativa, dadas as evidentes economias, quer para a instalação quer para a gestão corrente, a opção urbana acaba por ser a mais vantajosa.

Em todo o caso, sugere-se a procura de um espaço que, de algum modo possa articular-se facilmente com o acesso à Gruta, ou seja, preferencialmente nas proximidades da rotunda Sul de saída do Escoural, onde entronca a EN 370 que passa junto o monumento, na direcção de Évora.

2.2. Estrutura física

O ArqueoCENTRO RUPESTRE, para responder aos objectivos em causa, envolverá três áreas de acesso público diferenciadas embora, directamente articuladas, para além do indispensável espaço técnico de apoio:

A - um amplo espaço expositivo, onde serão explorados com recursos multimédia e meios interactivos (réplicas, maquetes, moldes, recriações físicas e virtuais...) os diversos conteúdos informativos. A estrutura do “discurso” pode ser temática ou cronológica, partir do geral para o particular ou vice-versa, mas deverá fugir à lógica museológica tradicional. A Gruta do Escoural, uma vez que apresenta vestígios desde os Neanderthais até ao fim da Pré-história (Calcolítico), pode e deve servir como cenário de fundo e pretexto, para a exploração autónoma de vários temas. Em todo o caso, poderá haver lugar para a um elemento atractivo, por exemplo através de uma “réplica”, em tamanho real, de um sector da própria gruta, com reprodução das respectivas pinturas (*zona do baldaquino, por exemplo?*). Tal réplica, responderá a dois objectivos principais: *permitir a todos os potenciais visitantes e sem excepções decorrentes de quaisquer tipo de limitações físicas, espaciais ou temporais, ter um contacto experimental com o tipo de património que apenas alguns poderão observar directamente; recriar nalguns casos, com o necessário apoio científico, uma imagem mais aproximada de como seriam as pinturas originais...*

B - Uma zona para “ateliers” e/ou “palestras”, articulada directamente com um espaço exterior, parcialmente coberto, onde se poderão realizar a maior parte das actividades lúdico-didácticas. Esta zona exterior, dependendo do espaço disponível, pode ter um tratamento de “parque temático”, incluindo zonas de lazer (parque de merendas?) para diversas idades, de acesso livre à comunidade local.

C - Uma zona multiusos, com “balcão” de acolhimento e recepção, centro de informação de turismo cultural e ambiental, loja de merchandising, cybercafé. Poderá ser uma zona de acesso livre e aberto à população local, sobretudo dos mais jovens.

ESTRUTURA FÍSICA: QUADRO DE FUNÇÕES E ESTIMATIVA DE NECESSIDADES DE ESPAÇO:

	ESPAÇO CONSTRUÍDO	ESPAÇO PROTEGIDO	AR LIVRE
Exposição	500 m ²		5 000m ²
Ateliers/sala palestras	100 m ²	75 m ²	
Recepção/Informação	75 m ²	25 m ² (esplanada)	
Serviços apoio	75 m ²		
Totais	750 m ²	100 m ²	5 000 m ²

2.3. Articulação com a Gruta do Escoural - necessidades de intervenção na Gruta

A - Independentemente da eventual criação do ArqueoCENTRO, a DRCALEN tem programadas diversas intervenções na própria Gruta, que decorrem directamente da necessidade de melhorar as actuais condições das visitas. Estas, apesar dos problemas circunstanciais já referidos são sempre obrigatoriamente acompanhadas por um guia, tendo habitualmente o seu início no “Centro Interpretativo” localizado na vila do Escoural. Essas intervenções, parcialmente já em “projecto de execução”, tem as seguintes componentes:

- *Requalificação do Parque de Estacionamento da Gruta (desenho e pavimento) e melhoria do entroncamento com a EN 370;*
- *Construção de uma nova “antecâmara” junto à entrada da Gruta (por razões de conservação) e renovação integral das estruturas de passadiços;*
- *Renovação do sistema de iluminação e dos equipamentos de monitorização ambiental (temperatura, humidade, gaz carbónico, etc...);*
- *Requalificação de uma pequena casa abrigo, já existente, com instalação de um WC de serviço e uma pequena área de arrecadação.*

B - Numa segunda fase e no sentido de valorizar e complementar a visita à Gruta, aproveitando os tempos de espera impostos pelo nº limitado de visitantes que devem estar dentro da cavidade em simultâneo, poderá ser criado um percurso arqueológico no exterior, passando pela entrada considerada “primitiva” (a Nascente da actual) e subindo mesmo ao “Santuário Neolítico Exterior” (observação de gravuras rupestres esquemáticas) e passando pelas restos de muralhas do Castro da Idade do Cobre. Esta intervenção, deve ser cuidadosamente planeada, pois apresenta condicionantes rigorosas que têm que ver com a preservação da integridade cultural, ambiental e paisagística do sítio e

da própria Gruta, um lugar muito especial no passado, que não pode ser adulterado por qualquer intervenção desintegrada ou precipitada.

2.4. Enquadramento do Projecto do ArqueoCENTRO RUPESTRE no contexto de um plano de “comemorações do Cinquentenário da Descoberta”

A passagem em 2013 do cinquentenário da descoberta da Gruta do Escoural (ocorrida em 18 de Abri de 1963), proporciona uma ocasião única para a concretização de um conjunto de actividades de valorização e divulgação deste recurso patrimonial, a exemplo do que aliás aconteceu já na passagem do 25º aniversário (1988) com a organização municipal de um Colóquio Internacional sobre Arte Rupestre e a publicação das respectivas actas na revista *Almansor*, nº 7, 1989.

A comemoração condigna e socialmente útil daquela data poderá materializar-se em três domínios de intervenção, nomeadamente:

A - Promoção pela DRCALEN, enquanto entidade responsável pela conservação e gestão da Gruta, das intervenções identificadas e projectadas pelos seus próprios serviços, visando a melhoria geral das condições de conservação e visita da Gruta do Escoural e da sua envolvente imediata (Monumento Nacional)

B - Organização pela Câmara Municipal de Montemor-o-Novo e pela DRCALEN, eventualmente em colaboração com o Museu Nacional de Arqueologia e a Universidade de Évora, de um **II Colóquio Internacional sobre Arte Rupestre** a ter lugar na Primavera de 2013, colóquio que para além de novos dados sobre a Gruta do Escoural (decorrentes de projectos de investigação que entretanto se tentará promover...) será uma oportunidade para fazer um balanço das extraordinárias descobertas realizadas no último quarto de Século em Portugal e que incluem, entre outras, a Arte do Côa e a Arte do Guadiana.

C - Concretização e inauguração do projecto do ArqueoCENTRO RUPESTRE do Escoural, até final de 2013 como marco fundamental da comemoração do cinquentenário da descoberta da Gruta.

3. DA VIABILIDADE E SUSTENTABILIDADE DO ArqueoCENTRO RUPESTRE

A concretização das acções A e B acima identificadas (Intervenções na Gruta e Organização do Colóquio Internacional), não levantam questões complexas. As primeiras decorrem

directamente das atribuições e responsabilidades da DRCALEN e as segundas poderão resultar da conjugação de interesses comuns e da articulação de esforços, entre a autarquia e a DRCALEN apenas dependentes de uma decisão conjunta com esse propósito. Fica de qualquer modo em aberto a questão do financiamento. No caso das melhorias a introduzir na Gruta e respectiva envolvente, os custos estão estimados em cerca de 100 000€, a co-financiar pelo QRE. No caso dos estudos, preparativos e concretização do congresso esse valor ronda igualmente, por estimativa grosseira, os 100 000€ (aquisições de serviços).

Será, pois, no âmbito do projecto do ArqueoCENTRO, quer pelos elevados custos de concretização quer, ainda, pela necessidade de garantir a sustentabilidade do funcionamento futuro, que se colocarão naturais interrogações, a que só um estudo de viabilidade económica poderá responder.

Nota: a não concretização do projecto do ArqueoCENTRO não pode nem deve prejudicar as intervenções de requalificação da Gruta e sua envolvente; do mesmo modo, considerando o prazo alargado para a eventual abertura do ArqueoCENTRO, até lá deverá continuar a assegurar-se, nas melhores condições possíveis, o funcionamento do actual Centro Interpretativo.

3.1 ArqueoCENTRO - estimativas de custos de construção, instalação e funcionamento;

A. CONSTRUÇÃO/INSTALAÇÃO

Na ausência de um programa mais preciso e tendo como partida o cômputo de espaços necessários (mínimos) acima apresentado e que aponta para uma área de construção (recuperação) da ordem dos 750 m², calcula-se o valor da obra, incluindo os projectos de Arquitectura e especialidades, e os arranjos exteriores, na ordem dos 600 000 €. A este valor, no entanto, haverá que acrescer um valor semelhante para a concepção, produção e montagem dos conteúdos (um valor, que no caso dos “Centros de Ciência Viva”, normalmente equivale ou supera o valor da obra, dada a tecnologia envolvida). Acresce ainda a instalação dos equipamentos da recepção, cibercafé, ateliers...).

Projectos de Arquitectura (e especialidades)	50 000 €
Obras (incluindo arranjos exteriores)	550 000 €
Concepção, produção e montagem de conteúdos expositivos	550 000 €
Equipamentos (recepção, cibercafé, ateliers interiores/ exteriores)	100 000 €
TOTAL	1 250 000 €

Os valores apresentados, no que respeita à arquitectura são calculados com base no custo de 750 €/m² e os projectos de arquitectura, correspondem a cerca de 10% do custo estimado da obra. O desenvolvimento do “programa” do edifício a construir ou adaptar deverá apontar no sentido de uma possível redução de custo destas parcelas partindo do princípio de que a sua principal componente (área expositiva_ da ordem dos 500 m²) constituirá essencialmente num “grande contentor”, que poderá jogar mesmo com a ausência de luz natural, simulando um ambiente de caverna. A redução de custos construtivos permitirá maior folga para a componente dos conteúdos de estimativa compreensivelmente mais fluida nesta fase.

B. FUNCIONAMENTO

Necessidades de Pessoal

O ArqueoCENTRO Rupestre, para funcionar, numa base semelhante aos Museus (encerrando um dia por semana, mas abrindo aos fins de semana e na generalidade dos feriados), precisará de um mínimo de 6 funcionários a tempo inteiro, com capacidades e funcionalidades polivalentes, nomeadamente no âmbito da “animação cultural” mas com formação específica nos domínios científicos abordados quer na exposição quer nos “ateliers”. Num sistema rotativo 3 funcionários (o nº mínimo para o ArqueoCENTRO funcionar e assegurar visitas acompanhadas à Gruta) deverão assegurar funções de recepção e acompanhamento de visitas (Centro e Gruta). Durante a semana a equipa deverá ser reforçada, para funcionamento dos Ateliers (mais 1 ou 2 elementos). O nº total de seis recepcionistas/animadores tem já a folga necessária para assegurar as férias ou as faltas por doença. O ArqueoCENTRO deverá contar ainda com um responsável/director executivo, a tempo inteiro ou parcial, técnico superior com formação na área, que assegure o funcionamento normal e o cumprimento de objectivos e planos quer ao nível da gestão corrente (incluindo a Gruta) quer no desenvolvimento de novos programas de divulgação e animação que mantenham vivos os fluxos de visitantes. Outras necessidades de pessoal (manutenção e limpeza) poderão ser resolvidas preferencialmente por “outsourcing”. A segurança, dada a localização em área urbana, pode também ser resolvida através de equipamentos de teledetecção (extensíveis à Gruta)

Outros encargos permanentes e extraordinários:

Serão os ligados ao funcionamento (energia e água), à manutenção, quer do ArqueoCENTRO (incluindo os consumíveis necessários ao funcionamento dos Ateliers) quer da Gruta (limpeza e manutenção dos espaços exteriores). Não se estima que estes encargos sejam especialmente elevados, devendo o projecto de arquitectura, para além de apontar para soluções com especial performance ambiental, enquadrar eventuais soluções de energias alternativas (como já acontece hoje com a iluminação da Gruta). Um encargo

permanente algo significativo dirá respeito à necessidade de deslocações frequentes entre o Centro e a Gruta por parte dos “animadores”, uma vez que os visitantes se deverão deslocar pelos próprios meios. Tendo em conta que se trata de uma deslocação de ida e volta de cerca de 5km, talvez fosse possível inovar também neste campo, explorando uma solução economicamente interessante e sobretudo ambientalmente mais amigável (uma viatura eléctrica, por exemplo...).

Finalmente (e neste capítulo haverá que não esquecer a necessidade de uma atenção permanente à divulgação e ao “marketing”) haverá que prever a necessidade de, com alguma regularidade, proceder à renovação quer dos meios expositivos quer das actividades dos “ateliers” o que implicará alguns encargos extraordinários.

3.2. ArqueoCENTRO - modelos de gestão e perspectivas de financiamento

O “modelo organizativo”:

Considerando que o ArqueoCENTRO Rupestre, uma vez instalado, constituirá no essencial uma entidade prestadora de serviços públicos (ateliers didáticos e ocupacionais, organização e acompanhamento de visitas à Gruta e, eventualmente, a outros sítios de interesse patrimonial e ambiental), o respectivo modelo organizacional deverá revestir um cariz de **tipo empresarial**, visando garantir a respectiva sustentabilidade e, dentro do possível, a amortização do capital investido. A participação maioritária da Câmara Municipal, deverá aparecer, como garantia da prossecução dos objectivos sociais (apoio ao desenvolvimento local e regional) e culturais do projecto (salvaguarda da Gruta do Escoural enquanto Monumento Nacional).

Obviamente, representando a articulação *ArqueoCENTRO Rupestre-Gruta do Escoural*, o eixo fundamental do projecto e uma das garantias da sua sustentabilidade, a Autarquia, previamente à constituição da Entidade Empresarial proposta, terá de assumir ou garantir a responsabilidade da gestão da Gruta, através de Contrato de Cessão a negociar coma DRCALEN, ou outra figura jurídica, que fixe as respectivas regras.

Parceiros potenciais de uma entidade público-privada (Empresa):

- o Município (sócio maioritário) e Junta de Freguesia (?);
- uma entidade privada (Empresa, Fundação,...) que garantisse o essencial das contrapartidas financeiras indispensáveis à obtenção das necessárias participações (QREN?);
- uma entidade privada (empresa de arqueologia e património), que deverá associar-se como “parceiro”, ainda que minoritário, que acompanharia as componentes de desenvolvimento dos estudos e projectos, execução da obra e instalação e, por fim, asseguraria o funcionamento e a gestão.

Outros “parceiros” intervenientes no processo:

- a Direcção Regional de Cultura do Alentejo, enquanto entidade que concessionará e fiscalizará a gestão da Gruta do Escoural;
- a Universidade de Évora e outras instituições universitárias (apoio científico)
- o Museu Arqueológico de Montemor-o-Novo (Associação Amigos de Montemor-o-Novo)

Receitas:

- o pagamento das entradas no ArqueoCENTRO e na Gruta (todas as fórmulas serão possíveis, desde que se parta do princípio que as entradas serão sempre pagas, mesmo nos casos em que possam quase ser simbólicas...)
- as prestações de serviços de “atelier” ou “actividades” e que nestes casos poderão incluir (ou não) já o valor das entradas na Gruta
- o fornecimento de serviços de “guia” para visitas a outros sítios ou monumentos;
- a venda de produtos de “merchandising” próprio ou de terceiros à consignação (tudo o que se possa imaginar sob o tema genérico da Pré-história, desde livros, filmes, jogos, brinquedos, etc...)

3.3. Potenciais fontes de Financiamento para o projecto e obra (*algumas sugestões...*)

QREN

PORA (Programa Operacional Regional do Alentejo) 2007-2013

Eixo Prioritário III- Conectividade e Articulação Territorial (Área de Intervenção- Rede de equipamentos e infra-estruturas para a coesão social e territorial)

Eixo Prioritário IV- Qualificação Ambiental e valorização do espaço rural (Área de Intervenção- valorização económica do espaço rural)

POCI (Programa Operacional Ciência e Inovação 2010)

Medida V.6- Promoção e divulgação científica e tecnológica

Accção V.6.1.- Disseminação da inovação e do conhecimento científico e tecnológico

Accção V.6.2. - Produção de conteúdos para a promoção da cultura científica

PROVERE (Programas de Valorização Económica de Produtos Endógenos)

NOTAS

³ Este documento foi produzido em final de 2008 e apesar de algumas das medidas nele referidas terem vindo a ser concretizadas no âmbito do projeto de requalificação da Gruta do Escoural financiado pelo QREN/INALENTEJO (2009-2011), nunca passou de documento de trabalho. Muito desatualizado em vários aspetos, a sua publicação tem sobretudo interesse documental.

⁴ As conclusões do “*Plano de conservação preventiva e monitorização*”, realizado posteriormente à redação deste documento vieram alterar significativamente estes números, apontando para uma capacidade de “carga” sensivelmente mais baixa, cerca de metade do número que usámos, empiricamente, nesta proposta.

ANEXO II

INTERVENÇÕES ARQUITETÓNICAS NA GRUTA DO ESCOURAL

Arquiteto | Nuno Simões

Em 1999, em resposta a um concurso limitado para o Centro Interpretativo e de Acolhimento da Gruta do Escoural lançado pela Direção Regional de Évora do IPPAR, começou o nosso envolvimento com a Gruta do Escoural. Este envolvimento passou por várias etapas até finalizar na obra realizada para as estruturas de visita e antecâmara da Gruta.

Inicialmente foi previsto pela Direção Regional de Évora um programa ambicioso que incluía um Centro de Acolhimento. O Centro pressupunha a permanência de dois funcionários e incluía valências como uma sala de acolhimento com pequena loja, zona de escritório e instalações sanitárias.

A ideia arquitetónica da proposta que venceu o concurso limitado, foi esconder o Centro, parcialmente enterrado, atrás de uma parede com aparelho usando pedras da pedreira desativada localizada no terreno e que funcionava como muro limítrofe da própria área arqueológica. Este muro incluía numa das suas extremidades o portão de acesso. Deste modo o Centro ficava invisível na paisagem e o acesso à gruta teria qualquer coisa de transpor uma fronteira.

O projeto de execução terminado e preparado o de Concurso para a obra, veio a notícia de suspensão do processo. Seguiu-se um interregno de 6 anos com um breve intervalo em que houve uma aproximação a uma zona de sombreamento sobre a entrada da gruta.

Finalmente e após um estudo sobre as condições ambientais da gruta, já no contexto da Direção Regional de Cultura do Alentejo, foi decidido avançar apenas com a modernização das estruturas de visita da Gruta e a construção de uma pequena antecâmara de acesso.



Fig. 20 - Exterior da gruta requalificada

A intervenção na Gruta do Escoural compreendeu a execução da antecâmara e das estruturas de visita. A antecâmara, necessária para controlar as trocas térmicas com o exterior, foi pensada como uma rocha cúbica e artificial entre as outras rochas naturais. A construção das estruturas obrigou à utilização de métodos de assemblagem limpos e secos pelo que a conceção da montagem foi o mais determinante do projeto. Optou-se por estrutura metálica aparafusada, pavimento e estrutura da guarda em madeira maciça e fechamento das guardas com painéis fenólicos pretos. Procurou-se um contraste cromático com a cor da gruta.

1999 - Programa base para o Centro Interpretativo e de Acolhimento da Gruta do Escoural- Concurso limitado

2000 - entrega do projeto de execução

2006 - propostas para cobertura da área envolvente da entrada da Gruta;
- estudo prévio da “antecâmara” e das estruturas de visita

2008 - projeto de execução da “antecâmara” e estruturas de visita;

2011 - conclusão da obra

Autor: Nuno Simões + DNSJ.arq

Rua Teixeira de Pascoais n.21 5-º, 1700-364 Lisboa, Portugal | Dnsj.arq@gmail.com

Cliente: Direção Regional de Cultura do Alentejo

R. da República 40 7000 Évora, Portugal | Tel.: 266 769 800

Localização/site of the building: Escoural, Montemor-o-novo, Alentejo

Data de inauguração/completion date: Julho 2011

Fotografia: FG + SG | FOTOGRAFIA DE ARQUITECTURA

Colaboradores: ESTRUTURA: Artur Pinto Martins | ILUMINAÇÃO Fernando Brito

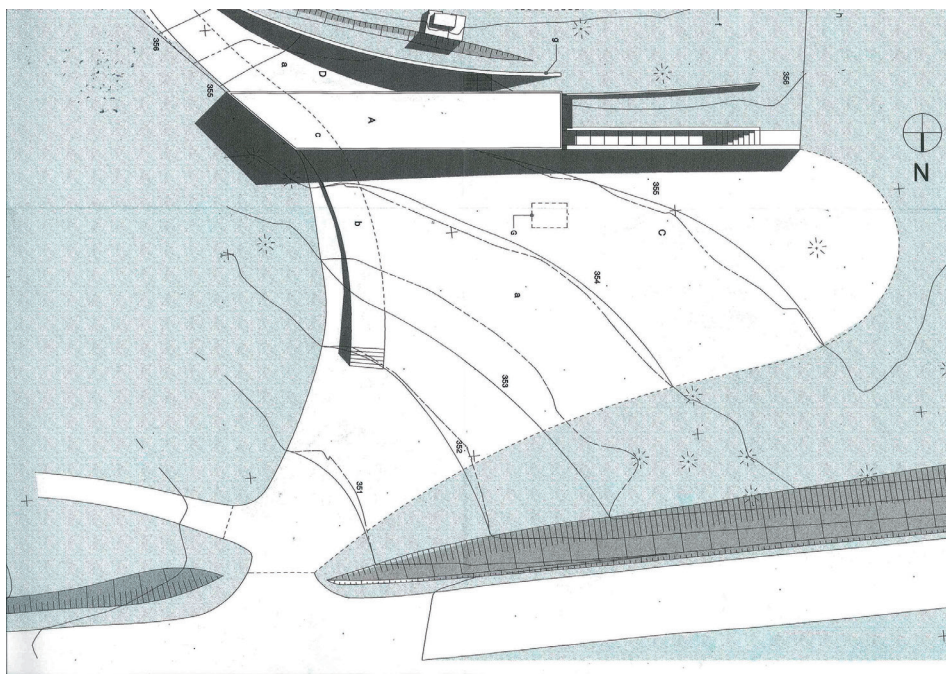


Fig. 21 - Projeto do Centro Interpretativo e de Acolhimento, Planta de Implantação (parcial), Estudo Prévio (2000)

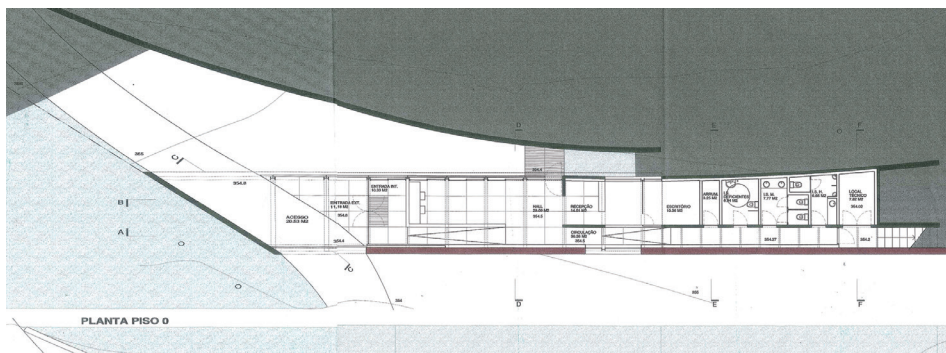


Fig. 22 - Projeto do Centro Interpretativo e de Acolhimento, Piso 0, Estudo Prévio (2000)